

Cellina Rodrigues Muniz

Mestre em Lingüística e Doutoranda em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará; Bolsista FUNCAP/CAPES e Professora Substituta do Curso de Letras na Universidade Estadual do Ceará. E-mail: cellina.muniz@bol.com.br

Resumo

Este artigo faz algumas reflexões sobre a emergência da escritura de fanzines/revistas alternativas de um grupo particular de sujeitos freqüentadores do bairro Benfica e do entorno da Universidade Federal do Ceará, na capital cearense, nos anos 2000, a partir do que se compreende como ritos genéticos indisciplinados.

Palavras-Chave: Ritos genéticos indisciplinados; Fanzines/revistas alternativas; Benfica.

Abstract

This article reflects the arising of fanzines/alternative magazines by a particular group of Benfica's town attending persons, near to Federal University of Ceará, in Fortaleza, Ceará, during the year of 2000, which is understood as a genetic undisciplined ritual.

Key-Words: Genetic undisciplined ritual; Fanzines/alternative magazines; Benfica.

Introdução

O que há de comum entre um bode que se transporta no tempo e uma grande turma de homens e mulheres (ou nem tanto) que bebem vinho e fumam maconha atrás da biblioteca de uma universidade? Tão problemático quanto querer estabelecer uma ligação imediata entre esses elementos é a pretensão de dar uma definição precisa para um conjunto particular de práticas de escrita, tema deste artigo.

Mas assumo os riscos e apresento aqui a minha interpretação. Através de entrevistas e pesquisa bibliográfica, tento resgatar a emergência das práticas de escrita de alguns fanzines e de uma revista alternativa² por um “grupo de afinidades”, no bairro fortalezense do Benfica, nos primeiros anos da década de 2000. Utilizando também esses escritos, postulo que essas práticas específicas emergem a partir de *ritos genéticos indisciplinares*.

Pensar em indisciplinaria remete, necessariamente, a Michel Foucault e seu estudo sobre as técnicas disciplinares. Meu objetivo, com este trabalho, é tentar estabelecer relações entre o conceito foucaultiano, rapidamente aqui esboçado, e a emergência da escritura em questão.

De acordo com o que assinala Machado (1990, p. 182), a respeito da definição de Deleuze, Foucault pode ser compreendido, ao mesmo tempo, como *arquivista, cartógrafo e topologista*. Trata-se de compreender sua obra a partir de três eixos, ou três épocas, obviamente tratadas não como limites cronologicamente estanques, mas sim como tentativa didática de descrição de regularidades teóricas, cujos aspectos, como se sabe *arqueologicamente*, encontram-se *dispersos*³ ao longo de seus inúmeros trabalhos. Segundo Gregolin (2004, p. 55), essas épocas revelariam focos de atenção mais ou menos distintos, porém, todos marcados pelo projeto de delineamento da produção histórica de subjetividades:

Primeiramente, a fase de *objetivação do sujeito*, em que se trata de *investigar os saberes que embasam a cultura ocidental*, momento de elaboração do chamado método arqueológico, representado principalmente pelos trabalhos *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber*. Em seguida, a fase das *técnicas disciplinares e da articulação entre saberes e poderes*, marcada basicamente pela idéia de que *o poder se pulveriza na sociedade em inúmeros micro-poderes*, representada por trabalhos como *Vigiar e punir* e *Microfísica do poder*. E, finalmente, a fase da go-

vernamentabilidade e técnicas de si, em que, através principalmente da *História da sexualidade*, o autor tenta buscar a *constituição histórica de uma ética e estética de si*.

Interessa aqui particularmente o Foucault cartógrafo, preocupado com as relações de poder da sociedade de controle que emerge a partir do século XVIII e os dispositivos de legitimação e manutenção política em diversas instâncias.

No caso deste trabalho, conforme já aludi, a instância a que me refiro é a do campo discursivo literário, mais especificamente relativo ao circuito de produção e circulação de textos divulgados em alguns fanzines e em uma revista alternativa, criados e difundidos por um grupo de sujeitos frequentadores do bairro Benfica e, particularmente, do Campus do Benfica da Universidade Federal do Ceará, nos primeiros dos anos 2000.⁴

Acredito que a emergência das práticas de escrita desse grupo particular de sujeitos integra uma conjuntura de relações de força junto a outras instituições: especificamente a própria direção da Universidade e seus aparelhos de “segurança”, ou ainda, de modo mais amplo, o mercado editorial, a indústria cultural, os espaços oficiais de letramento. A realização da escritura desses sujeitos tem sua gênese em variadas relações de poder, procurando, em alguma medida, romper com as *técnicas disciplinares* impostas por essas instituições e apresentam-se, como pretendo mostrar, como uma escritura indisciplinada.⁵

As Técnicas Disciplinares em Foucault

Como assinala Deleuze (2005), em *Vigiar e punir* Foucault institui uma nova perspectiva de abordagem teórica do poder, abandonando antigos postulados: as perspectivas que encaravam o poder como uma propriedade; como localizável unicamente nos aparelhos do Estado; como necessariamente subordinado a ele; como uma essência; como um exercício de violência ou ideologia; e ainda como parte da crença na entidade da Lei. (cf. DELEUZE, 2005, p. 34-40).

Desse livro, responsável, assim, por apresentar um “novo cartógrafo” ou “algo de novo depois de Marx.” (DELEUZE, 2005), interessa aqui, particularmente, a seção intitulada *Disciplina*, que se distribui através de três capítulos: *Corpos dóceis*, *Os recursos para o bom adestramento* e *O panoptismo*.

Inicialmente, Foucault apresenta a emergência, gradativa, de uma outra mentalidade de controle e utilização dos indivíduos e o desenvolvimento de novas tecnologias e exercícios de poder que, ainda que atuando diretamente sobre o corpo, diferenciam-se das punições e suplícios praticados até o século XVIII. Trata-se do que Foucault nomeia como técnicas disciplinares e o seu momento histórico é

[...] o momento em que nasce a arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, 1987, p. 127).

Essa mentalidade consiste na fabricação da chamada “docilidade”, a simultaneidade na invenção de um corpo analisável e manipulável, desenvolvendo, assim, toda uma *anatomia política do detalhe*. Diferentemente da prática de suplício (em que a tortura pública era utilizada a fim de legitimar o poder soberano) ou ainda da prática de punição (que emergiu com a reforma do direito criminal e baseava-se na teoria do Contrato Social), a “docilidade” se manifesta como uma outra fase na história das formas de poder (Cf. FONSECA, 1995, p. 40-41). Como assinala Foucault a respeito dessa mentalidade que institui um novo objeto e alvo de poder: “É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Foucault ressalta que, embora o corpo, em qualquer época e sociedade, esteja necessariamente preso a limitações, proibições e obrigações, a novidade da “docilidade” a partir do século XVIII consiste, basicamente, em três novos aspectos de atuação sobre o corpo: a *escala de controle*, em que se trata de atuar sobre o corpo não como uma massa uniforme, e sim *trabalhá-lo detalhadamente*; o *objeto de controle*, não o corpo em si, mas a *eficácia dos movimentos*; e finalmente a modalidade de controle, exercida através de uma *coerção ininterrupta, constante*. Diferenciando-se, assim, de outros processos disciplinares existentes até então (a escravidão, a domesticidade, a vassalagem e o ascetismo), a disciplina em Foucault é compreendida, então, como o conjunto de métodos que “permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade.” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

A partir de então, o autor tenta estabelecer uma regularidade no uso desses métodos ou técnicas disciplinares através do exercício singular das grandes *maquinarias de poder* (escolas primárias, colégios, espaços hospitalares e organizações militares), responsáveis, assim, pela difusão generalizada dessas técnicas. Foucault discorre, assim, acerca dos principais aspectos de que consistem as técnicas disciplinares.

O primeiro aspecto se relaciona à distribuição dos indivíduos no espaço. Através do imperativo “cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo” (FOUCAULT, 1987, p. 131), as sociedades disciplinares desenvolveram técnicas (algumas de inspiração monástica) como a *cerca*, o *quadriculamento*, as *localizações funcionais*, a *fila*, gerando uma distribuição complexa de indivíduos em espaços configurados em sua arquitetura, funcionalidade e hierarquia. (FOUCAULT, 1987, p. 135).

O segundo aspecto diz respeito ao controle da atividade através do tempo medido. O controle, nesse aspecto, se dá através de “manobras” que permitam, simultaneamente, um *quadriculamento cerrado do tempo*, a garantia da *qualidade do tempo empregado*, a elaboração de um *esquema anátomo-cronológico* que permita o ajuste do *corpo a imperativos temporais*, a *relação entre um gesto e a atitude global do corpo*, a articulação *corpo-objeto* e a *utilização exaustiva* pelo princípio da não-ociosidade. (FOUCAULT, 1987, p. 137-140).

O terceiro aspecto é o que Foucault chama de *organização das gêneses*. Trata-se da formulação de um sistema que, baseado na aprendizagem corporativa (que se firma, por sua vez, na relação de dependência individual e total entre mestre e aprendiz), permita uma utilização rentável do tempo. Em outras palavras: a disciplina, nesse caso, é exercida como “aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo” (FOUCAULT, 1987, p. 142-143). Dessa forma seria possível reger as relações de tempo, dos corpos e das forças, realizar uma acumulação da duração e inverter o tempo em lucro/utilidade.

O quarto aspecto é o da *composição das forças*, em que o corpo é tratado como um segmento dentro de uma máquina maior, um conjunto com o qual é articulado (FOUCAULT, 1987, p. 148). Para a inserção desse *corpo-segmento* dentro dessa estrutura maior, é preciso extrair suas forças, diferenciá-lo e combiná-lo junto a outros. Nessa composição, através de uma *relação de sinalização*, em que um simples sinal dá todo um comando, aplica-se uma “moral da obediência” (FOUCAULT, 1987, p. 149).

As técnicas disciplinares, portanto, constroem quadros, prescrevem manobras, impõe exercícios e organizam táticas (FOUCAULT, 1987, p. 150). Atuando sobre os corpos e restringindo as liberdades individuais de maneira escamoteada, através de recursos como a vigilância, a sanção normalizadora ou o exame (Cf. FOUCAULT, 1987, p. 153-172), a disciplina permeia toda e qualquer prática social das sociedades modernas.

As práticas de escrita também são e têm sido alvo de um controle específico.⁶ Além das próprias imposições relacionadas aos *fascismos* da língua, como diria Barthes (2000) – imposições de ordem lexical, gramatical, além de outras de caráter ortográfico, de gênero textual, etc. –, como já afirmava Foucault, ainda na “fase arqueológica”, qualquer uso da linguagem se determina a partir de mecanismos particulares de ordenação, e, assim, “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época” (FOUCAULT, 1995, p. 51). Assim é que qualquer prática discursiva

é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2001, p. 9).

 90

Ou seja, toda e qualquer prática discursiva segue um conjunto de coerções ditadas historicamente e de ordem institucional.

Ainda assim, as práticas implicadas na escritura de fanzines/revista alternativas – meios que se desenvolveram às margens do sistema oficial de produção e circulação de textos impressos⁷ –, especificamente as do grupo de sujeitos em questão, estabelecem relações de poder junto a outros dispositivos e domínios enunciativos, tentando firmar suas próprias vontades e verdades ao excluir e rejeitar determinados saberes/dizeres, em contraposição a determinadas técnicas disciplinares.

Uma Escritura Indisciplinada no Benfica dos Anos 2000

Michel de Certeau, dedicando-se às *operações dos usuários* (de vivências relacionadas, por exemplo, ao sistema urbanístico ou à leitura) através das quais, segundo ele, “o cotidiano se inventa com mil maneiras

de caça não autorizada” (CERTEAU, 2002, p. 38), lança uma provocação a partir da análise de Foucault sobre as sociedades de controle:

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede de vigilância, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela, a não ser para alterá-los. (CERTEAU, 2002, p. 41).

É nesse sentido que concebo a escritura de fanzines/revistas alternativas desse grupo de sujeitos como um desses “procedimentos populares”, ou seja, como práticas que emergem a partir de relações de poder contra diversos modos de operar do sistema de controle.

O próprio fanzine, encarado como um *dispositivo enunciativo*,⁸ tem na sua genealogia⁹ um caráter transgressor: de um lado, os aficionados por revistas de histórias em quadrinhos (marginalizadas, por exemplo, pela “política macarthinista”) encontraram nesses “boletins” um meio de publicar por conta própria suas histórias, não se restringindo ao lugar de leitores, e sim se assumindo como autores. (GUIMARÃES, 2000). Por outro lado, punks e anarquistas fizeram do fanzine o portavoz das suas principais idéias, sem se calar diante do poderio dos grandes meios de comunicação¹⁰. James (1993), ao abordar o fanzine como uma das principais práticas culturais do movimento punk nos Estados Unidos, nos anos 70, destaca esse aspecto:

O grande valor dos fanzines, sem sombra de dúvida, é que eles não tentam apropriar-se da produção social. Sua autoria distribui-se pela subcultura em geral; eles derivam dela, em vez de serem produzidos por profissionais para consumo de massa. (JAMES, 1993, p. 224).

Mas, especificamente a respeito das práticas de escrita de fanzines/revistas alternativas aqui abordadas, atitudes indisciplinadas estão relacionadas aos “ritos genéticos” (MAINGUENEAU, 2001) vivenciados e experimentados pelos sujeitos do grupo.

Para compreender o que são os ritos genéticos, é preciso pressupor que qualquer prática discursiva se fundamenta numa relação radical

entre enunciados e cenários de enunciação, o que implica a impossibilidade de cisão entre organização dos grupos sociais e suas produções de linguagem. (MAINGUENEAU, 1997). Assim, os ritos genéticos (MAINGUENEAU, 2001, p. 48) estão ligados a um conjunto regular de hábitos e costumes que fazem com que um *modo de vida* (seja) capaz de tornar possível uma obra singular. Assim, esses ritos têm um duplo estatuto: o de realidade histórica e o de sintoma de proposições estéticas. (MAINGUENEAU, 2001, p.49):

A obra só se constitui implicando os ritos, as normas, as relações de força das instituições literárias. Ela só pode dizer algo do mundo inscrevendo o funcionamento do lugar que a tornou possível, colocando em jogo, em sua enunciação, os problemas colocados pela inscrição social de sua própria enunciação. (MAINGUENEAU, 2001, p. 30).

92

Primeiramente, essas práticas emergem de uma certa ruptura com a regulação dos espaços arquiteturais, funcionais e hierárquicos, redimensionando seus usos e atribuindo-lhes uma outra complexidade. O circuito de produção e circulação desses fanzines pode ser considerado todo o bairro fortalezense do Benfica, com suas ruas, praças e bares de modo geral, mas se relaciona particularmente aos equipamentos formais do Campus Universitário do Benfica, com o Centro de Humanidades e a Faculdade de Educação, num território composto por alguns prédios e construções que mantiveram os traços arquitetônicos originais das décadas de quarenta e cinquenta, como também por um conjunto de árvores quase centenárias (mangueiras, sapotizeiros, juazeiros, pitombeiras etc).

Nos primeiros anos de 2000, esses sujeitos, freqüentadores regulares dos espaços ao redor da Universidade – com a qual têm ou não laços formais, isto é, não são exclusivamente alunos e/ou professores – encontravam-se por vários lugares: atrás da Biblioteca de Humanidades, nos jardins das Casas de Cultura e especialmente no chamado *Bosque*, o território que abrange os Centros Acadêmicos dos cursos de Pedagogia e Educação Física, uma quadra de esportes e o estacionamento da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Assim, esses indivíduos constituem-se como grupo não só pela freqüência assídua, durante determinada época, a certos espaços (no que se incluem ainda as Praças João Gentil e da Gentilândia, além de bares como o bar do Reggae, do Assis ou o Pitombeira), mas também pelas trocas de correspon-

dência (em que as cartas dão lugar aos e-mails), pelos encontros, pela semelhança nos modos de vida (Cf. MAINGUENEAU, 2001, p. 31). É o que se vê, por exemplo, na mensagem eletrônica publicada na sétima edição do *PalavraDesordem*, em que se reproduzem alguns dos e-mails trocados entre os sujeitos. Num desses e-mails, de Alex Fedox para Alexandre Gomes, discute-se a respeito de um projeto de um festival “anti-arte”, como proposta alternativa a um festival artístico promovido por um dos grandes jornais da cidade:

E aí moçada, quando é q a gente vai se reunir p/ conversar sobre o festival anti-arte q a gente vai promover em janeiro. já tem gente dizendo que vai durar uma semana de atividades... ps.::: pode ser na sexta-feira? Finzinho de tarde no boske... até lá. (Zine *PalavraDesordem*, número 7).

O uso particular desse território, inclusive, rendeu uma nomeação toda particular a esses sujeitos que o freqüentavam e que o designavam como Bosque:¹¹ os *bosqueanos*. É o que se vê nos estudos etnográficos de Alcântara (2005), que, ao fazer uma pesquisa sobre consumo de substâncias psicoativas, também estabeleceu contato com o lugar e com alguns desses sujeitos, assim aludindo a eles/elas, numa poética descrição para explicar sua monografia sendo composta por:

[...] um pouco do que vi e ouvi dos bosqueanos, que poderiam, simbolicamente, ser elfos e gnomos, mas são gente, humanos, que por um tempo, tardes, semanas, anos, povoam esse bosque como se fossem essas entidades e que de alguma forma prezam por esse lugar de onde se sentem nativos (ALCÂNTARA, 2005, p. 10).

As ocasiões em que tais sujeitos se encontravam também eram diversas: depois ou nos intervalos de aulas, antes de se dirigir aos inúmeros bares do bairro ou eventos diversos, como calouradas ou lançamentos de livros, por exemplo. Nesses encontros, entre outras tantas práticas de sociabilidade e trocas intersubjetivas, esses sujeitos, na condição também de usuários de *cannabis sativa*,¹² indispunham-se com a regulação da Universidade (direção, segurança), ao fazer circular seus “baseados”, em rodas das quais foram desdobrados diversos “causos” – reflexões pessoais, poesias-coletivas, contos, ilustrações, colagens etc. compilados em fanzines e em uma revista alternativa, lançados entre 2001 e 2004. (ver Figura 1).



Figura 1 – Capas de alguns dos exemplares da escritura desse grupo indisciplinado: *Sarrabuiu de Tertúlia* (n. 1, de 2003) e *PalavraDesordem* (n. 7, de 2004) e da *Revista Pindaíba* (de 2003).

O *PalavraDesordem* (com 11 edições), foi editado por Alexandre Gomes, que também participou da edição de outros fanzines como *Um Zine para Espíritos Livres*, *Sexoxes* e *GuaráZine*. O *Sarrabuiu de Tertúlia* (com 3 edições), foi editado por Augusto Azevedo. A *Revista Pindaíba*, uma publicação mais elaborada e de maiores custos e tiragem, foi editada por André Dias, desenhista; Manoel Carlos, professor de História da Universidade Estadual; e Augusto Nascimento Filho, estudante de Comunicação Social na Universidade Federal do Ceará. Esses três editores da revista também participaram dos fanzines como autores, além de outros muitos nomes.

Foi como consagração da convivência entre esses sujeitos que esses escritos vieram à tona. É o que se evidencia, a esse respeito, no depoimento de Alexandre Gomes, autor-editor do zine *PalavraDesordem*:

O Zine *PalavraDesordem* nasceu em 2002 com a proposta de criar meios próprios de divulgação e agrupar o maior número possível de manifestações, ou seja, com o intuito de organizar nossa produção artística e literária, para que esta não se perdesse por falta de meios de publicização/socialização, como é comum entre grupos de jovens artistas e escritores. [...] O sentimento de identidade para com o bairro Benfica, bem como o desejo de cantar o universal pelo local são notórios em nossa literatura [...]

Mas, se é a partir da convivência entre esses sujeitos que surge sua escritura, é preciso ressaltar, como reflete Maingueneau (2001, p. 46),

que não se trata de uma transposição simples e mecânica de um espaço de vivência para um espaço de narrativa:

Na realidade, a obra não está fora de seu contexto biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união.

Essa relação indissociável entre enunciados e enunciação, isto é, entre os escritos produzidos e as condições dessa produção, revela-se, por exemplo, no depoimento de Augusto Azevedo, o autor-editor do zine *Sarrabuio de Tertúlia*. Ao ser indagado sobre as principais influências de sua escrita, revela que

As produções literárias da galera do Benfica até hoje me influenciaram muito e posso afirmar que a nossa estética tem algo de singular e todas as minhas produções não se fecharam a uma decisão minha isolada, todo mundo dava pitaco, gerando, por exemplo, os 3 números do *Sarrabuio de Tertúlia*.

Assim é que os espaços de convivência coletiva são redimensionados como *cenário literário* (MAINGUENEAU, 2001) a partir de um uso particular que o grupo faz dele, ou seja, de palco de vivências cotidianas transformase em *cenografias de enunciação* (MAINGUENEAU, 2006)¹³, notadamente como espaço narrativo de seus escritos. Um exemplo desse redimensionamento espacial indisciplinar pode ser ilustrado com o seguinte trecho, retirado do conto *O Bosque Sagrado*, de Amanay Parangaba:

Os dois vão atrás dos outros colegas que saíram das outras aulas. Juntam-se no pátio da universidade e de lá se dirigem ao seu destino: o bom e velho Bosque, fazer o que eles tão bem sabem (e gostam!). Apesar desse bosque já não ser mais tão bosque, afinal, apenas algumas poucas árvores milenares testemunham e provam a existência deste, ontem e hoje. (E a administração ainda quer derrubá-las para “otimizar” o espaço. Traduzindo: fazer estacionamentos) (*PalavraDesordem*, nº 1).

Esse uso particular dos espaços da Universidade por esse grupo de sujeitos, assim, instaura o que de Certeau chama de “maneiras de fazer o cotidiano: mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural.” (2002, p. 41) Desse modo, além das atividades previstas no território institucional da universidade, ubiqüamente, as práticas de escrita desses sujeitos rompem com os *processos de repartição* disciplinares, desarticulando seus aspectos funcionais e hierárquicos originais (Cf. FOUCAULT, 1987, p. 135), além de questionar a autoridade da direção da Faculdade de Educação da UFC.

Outro exemplo em que se registra, por parte desse grupo, uma postura indisciplinar diante dos quadriculamentos oficiais e novamente pela crítica à direção da faculdade pode ser vista no seguinte trecho, extraído da seção intitulada *Tô Puto*, da *Revista Pindaíba*:

Eu tô puto com o tiranojacques que até há pouco tempo dirigiu a faculdade de educação como se fosse o quintal da sua casa, intervindo no espaço físico da Universidade, limitando os locais de socialização da comunidade universitária (como se aprendizado só se adquirisse no templo sagrado da sala de aula, cortando árvores, pondo cadeado em portões e levantando muros como um senhor feudal [...]) (*Revista Pindaíba*).

96

Nesse trecho, o grupo registra o descontentamento e a insatisfação com a direção da Faculdade de Educação à época, contra a qual alguns sujeitos se indispuseram diretamente, bem como contra agentes uniformizados encarregados da “segurança” da Universidade (Cf. ALCÂNTARA, 2005, p. 64-67). A simples presença desses agentes funcionava (e ainda funciona) como mecanismo que “ao mesmo tempo garante uma intensidade nas formas de conhecimento e controle, garante também uma maior discricção” (FONSECA, 1995, p. 53), atuando, efetivamente, como *recurso de vigilância hierarquizada*, no modelo apontado por Foucault (1987, p. 153).

Através do apelo ao riso, este trecho evidencia sua atitude indisciplinar. Além da mistura de linguagens (em que norma culta, expressa em termos como “intervindo”, “comunidade universitária” e “socialização”, mescla-se a termos mais coloquiais, como o próprio título da seção, “Eu tô puto”), este texto evidencia um riso de zombaria, em que o grupo trata

a direção como um objeto de escárnio, apontando uma relação em que “onde um ri, outro não ri.” (PROPP, 1992, p. 31) e manifestando uma atitude polêmica junto à direção da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, na gestão 1999-2002, representada pelo Prof. Dr. Jacques Therrien. A *condensação* aí operada – em que a junção de “tirano” e “Jacques” dá forma a um substituto chistoso –, o que, aliás, é mais comum em se tratando de nomes próprios (FREUD, 1987, p. 28), possibilita a ridicularização da pessoa do diretor, com quem muitos sujeitos do grupo vivenciaram ostensivas relações de enfrentamento, num riso que afirma um triunfo sobre o “inimigo”.

As práticas de escrita desse grupo também implicam indisciplina na medida em que rompem com o controle disciplinar do tempo, ao contrariar a máxima de que “nada deve ficar ocioso ou inútil” (FOUCAULT, 1987, p. 138): durante seus encontros, quando consomem *cannabis sativa* – que, conforme se sabe, altera a percepção de tempo – e vivenciam/contam suas próprias histórias, formalizadas através de seus escritos (desconsiderados como mercadoria, posto que não participam de um circuito de compra e venda), esses sujeitos se colocam contra a *capitalização do tempo*, própria de um sistema baseado no “princípio da não-ociosidade” (Cf. FOUCAULT, 1987, p. 140-143).

Para finalizar, cabe ressaltar que a escritura desses sujeitos se apresenta como uma estratégia indisciplinar através da assunção de posicionamentos tradicionalmente excluídos pelos discursos oficiais e de maior visibilidade: uso de “drogas”, manifestações explícitas de sexualidade, apologia ao caos, críticas ao sistema capitalista em geral e referências a personagens malditos e marginais da história local são recorrentes e atuam na tentativa de uma expressão autônoma, cuja materialização através de fanzines/revistas alternativas (idealizados, custeados e efetivados pelos próprios sujeitos do grupo, sem apoio institucional) por si só opera uma posição contrária à aprendizagem corporativa, baseada na domesticidade e na simples transferência de conteúdo dos sistemas de controle. (FOUCAULT, 1987, p. 142).

É o que se vê, por exemplo, em textos que fazem uma apologia a uma pessoa/personagem da história do Benfica e do Bosque: o Gonçalves.

Em uma entrevista oral,¹⁴ concedida no ano de 2002, Gonçalves, também conhecido popularmente como *príncipe loiro do Benfica*, contou que chegou a Fortaleza em 1979, tendo estudado sempre em escola pública e participado da criação da UMES (União Metropolitana de Estu-

dantes Secundaristas). Estudou também na antiga Escola Técnica e teve passagem no curso de Direito da UFC.

Além desse relato, sabe-se que Gonçalves foi dono de uma banca de livros usados no Centro de Humanidades do Campus do Benfica da UFC, até se indispor com o poder oficial: através da direção do Centro de Humanidades, na pessoa da Profa. Dra. Maria Elias, perdeu o direito de ter sua banca ali; e através da direção da Faculdade de Educação, na pessoa do Prof. Dr. Jacques Therrien, foi proibido de circular no território da Faculdade (ver Figura 2).

Sem a banca e enfrentando problemas familiares, ao longo de um processo, Gonçalves foi se tornando cada vez mais bêbado, maltrapilho e vagabundo, com um comportamento extremado que atraía tanto simpatizantes quanto desafetos. Em linhas bem gerais, Gonçalves foi internado numa clínica para desintoxicação, com a ajuda da sensibilidade da Profa. Ângela Linhares, também da Faculdade de Educação da UFC, e, depois que ele saiu, desapareceu, sem que se saiba ao certo o que lhe aconteceu. Virou uma espécie de mito do bairro, elaborado em torno de múltiplos boatos e textos que transitam dispersivamente no Benfica.

98



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

OFÍCIO Nº 250/00 / FACED/UFC

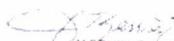
Fortaleza, 4 de dezembro de 2000

ASSUNTO: Autorização (faz)

Senhor(a) Superintendente,

Tendo em vista a solicitação encaminhada sob o nº 250/00, de trabalho de segurança, realizada pela Direção de Segurança da UFC, nos seus arquivos através da SERVAI, a tomar as devidas providências para retirar dos ambientes internos e externos da FACED o Senhor Francisco Gonçalves Cavalcante - RUA 615/00010, após quando chamado para tal, seja quando existente nas dependências.

Atenciosamente,


JACQUES THÉRIEN
DIRETOR

At: (Senhor(a))
José Ademar Góes de Vasconcelos
Superintendente de Planejamento Físico e Operações - PLANOP

cc: A Divisão de Vigilância e Segurança - DVS
CC: Z. Supervisão de Segurança do Benfica

Figura 2 – Ofício 250/00, assinado pelo então diretor da FACED/UFC, autorizando a empresa terceirizada encarregada da segurança – SERVAI – “a retirar dos ambientes internos e externos da FACED o senhor Francisco Gonçalves Cavalcante”, em 4 de dezembro de 2000.

Exemplos desses textos são o artigo *Gonçalves e o obtuso*, assinado por Felipe Neto e publicado na sexta edição do *PalavraDesordem*, e o conto *O bode e o bonde do Benfica*¹⁵, assinado por Amanay Parangaba, publicado na *Revista Pindaíba*. Gonçalves é reverenciado por aqueles que conviveram com ele durante algum tempo e transformado em tema de apologia, contrariamente à exclusão dos dizeres dominantes, pelo seu exemplo de disciplina:

Levar para a abstração uma questão como a do Gonçalves é pura masturbação da qual não participo. Fiz o lembrete justamente por entender que a situação dele e de várias outras como o corte de verbas para setores essenciais do país como saúde, educação, segurança e transportes urge soluções concretas e mais do que isso tornar públicas uma série de realidades que fingimos não insistir e o Gonçalves, pra quem não entendeu, foi um exemplo usado para aludir ao pior tipo de coerção e violência exercida ao e pelo ser humano, qual seja, a silenciosa, a sutil, aquela mesma que exercemos e pela qual somos exercidos: a opressão do cotidiano (Gonçalves e o obtuso. Publicado em *PalavraDesordem*, n. 6).

Considerações Finais

Por todos os lados, manobras de controle parecem ser uma condição, manipulando, oprimindo, articulando o nosso "real". Mesmo assim, no dia-a-dia, buscamos brechas, pontos de fuga, e através de pequenos gestos, tentamos escapar a esse peso, exercitando o poder efetivamente como relação e não apenas como dominação. Tentando se esquivar para além das visões fatalistas ou românticas, este artigo se apresentou como parte de uma pesquisa que pretende seguir um projeto de, como preconizou o pensador francês, fazer vir à tona saberes até então "dominados, não qualificados, locais e singulares" (FOUCAULT, 1996b). Saberes, enfim, que, de algum modo, são indisciplinados.

Através de sua escritura, para além da sala de aula e dos organismos e rotinas de uso da escrita consagrados pelos discursos e instâncias oficiais, esses sujeitos indisciplinados se dizem *criadores*, tal como a figura preconizada pelo Zaratustra de Nietzsche (2001, p. 33): aquele que procura não cadáveres, rebanhos ou crentes, mas sim companheiros. No

caso, companheiros que fazem de seus escritos suas foices, diante de tantas formas de sujeição:

Contra o autoritarismo, a hierarquia, a repressão, o preconceito e a exploração!!! A favor das liberdades individuais e coletivas, o respeito às diferenças e à livre expressão (Um zine para espíritos livres).

Bibliografia

ALCÂNTARA, Jaína Linhares. *Passadas marginais: uma etnografia entre psicoativos, saberes das pessoas de periferia e da "intelectualidade" do Bosque de Follyk*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2005.

ANDRAUS, Gazy. *Gênese, história e importância das publicações independentes do Brasil e do mundo: os Fanzines e as Revistas Alternativas*. Disponível em <<http://geocities.yahoo.com/gazy/index.htm>>. Acesso em 18/09/2006.

BARTHES, Roland. *Aula*. 8. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2000.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 7. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia Moretto. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos-SP: ClaraLuz, 2004.

GUIMARÃES, Edgard. *O que é fanzine*. Disponível em <www.nonaarte.com.br>. Acesso em 18/09/2006.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Sampaio. 7. d. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. *Genealogia e poder*. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996a.

_____. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996b.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Volume VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

JAMES, David. E. *Poesia/Punk/Produção: Alguns textos recentes em Los Angeles*. In: KAPLAN, E. Ann. (Org.). *O mal-estar no pós-modernismo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.

MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Cenas de enunciação*. Tradução de Sírio Possenti e Maria Cecília Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indurski. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da UNICAMP, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Pietro Naseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Bernardini e Homero de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

ROBINSOM, Rowan. *O grande livro da cannabis: guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental*. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

ZAVAM, Áurea. *Fanzine: a plurivalência paratópica*. Revista Linguagem em (Dis)curso. v. 6, n. 1. Jan/Abr de 2006. Disponível em: <<http://www.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0601/01.htm>> Acesso em: 12/06/2007.

- não-verbais (fotocolagens, ilustrações, desenhos, gravuras etc.), mas, principalmente, quero remontar ao conceito atribuído por Barthes (2000, p. 21): *onde as palavras têm sabor*.
- 6 O que não implica que não tenha havido e haja formas de resistência. Chartier (2002), por exemplo, amparado nos estudos de Petrucci sobre empregos de escrita pública ou exposta entre os séculos XVI e XIX, registra: *Redigidas em língua vulgar, misturando maiúsculas e minúsculas, ignorando as regras impostas pelos profissionais da escrita (mestres, escritores, escribas de chancelarias, calígrafos eruditos) tais inscrições “sem qualidades” [...] traduzem as aspirações de uma população semialfabetizada que disputa com os grandes e poderosos seus monopólios sobre a escrita visível.* (CHARTIER, 2002, p. 80-81).
- 7 Segundo Andraus (2006), a epigênese dos fanzines remonta às “gazetas-cartas” medievais, manuscritos de textos que, excluídos pela censura monárquica e clerical exercida sobre as primeiras tipografias (destinadas à impressão de livros nobres), circulavam manualmente como meio de difusão de assuntos diversos.
- 8 Segundo Zavam (2006), o fanzine compreendido como dispositivo enunciativo implica não só as noções gerais de gênero textual (como estruturas lingüísticas, suporte, rotinas sócio-comunicativas etc.), mas também aspectos como códigos de linguagem e ethos, de dimensão mais pragmática do que propriamente lingüística.
- 9 Genealogia compreendida como um método que, em oposição à historiografia linearizante que busca uma verdade original, trata da “memória dos combates.” (FOUCAULT, 1996a, p. 171).
- 10 A esse respeito, ver, por exemplo, o primeiro fanzine punk de que se tem registro, o *Sniffing Glue* (Cheirando Cola), lançado em setembro de 1976, na Inglaterra, foi considerado porta-voz do movimento, clamando seus leitores a uma atitude não-passiva e de questionamento (BIVAR, 1982). É o que se pode ver na escrita de Mark Perry, o jovem de 19 anos que, após ouvir um disco da banda Ramones, decidiu editar um fanzine, no qual se lê, numa de suas edições: “Todos vocês, garotos que lêem o SG, não se satisfaçam com o que nós escrevemos. Saiam e comecem seus próprios fanzines, ou mandem suas críticas para a imprensa do Sistema, vamos pegá-los pelos nervos e inundar o mercado com a escrita punk” (*apud* BIVAR, 1982, p. 55-56).

- 11 É preciso ressaltar que esse espaço da Universidade já apresentava uma tradição de palco de *astúcias*, como diria de Certeau (2002): nos anos 90, um grupo de pessoas que freqüentavam o lugar, “instituíram” ali a AMUFC – Associação dos Malucos (ou Maconheiros) da UFC.
- 12 A *Cannabis Sativa* é o nome dado à erva extraída do Cânhamo, planta cujos primeiros usos remontam ao período neolítico, na Ásia Central. Além da confecção de materiais com a fibra da planta (tecido, papel etc.), o cânhamo também tem finalidade terapêutica e ritualística, por causa da substância química psicoativa chamada Tetra-hidrocanabinol (THC). (ROBINSON, 1999, p. 64).
- 13 Segundo o autor, toda prática discursiva se constitui a partir das *cenas* de sua enunciação, a saber: uma *cena englobante*, relativa ao estatuto pragmático da prática (publicitário, filosófico, administrativo etc.); uma *cena genérica*, relativa ao gênero ou subgênero discursivo/textual da prática (anúncio, aforismo, relatório etc.) e, por fim, uma *cenografia*: a *cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação* “[...] A cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala (...) A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra” (MAINGUENEAU, 2006, p. 67-68).
- 14 Agradeço a Francisco José Calixto e José Gerardo, os realizadores da entrevista, pelo material cedido.
- 15 Neste conto, o personagem Bode Ioiô, figura emblemática da história de molecagem cearense, transporta-se no tempo e encontra um grupo de rapazes “atormentados” do século XXI: os próprios autores, transformados assim em personagens de sua escritura.